

## MULHERES E ALFAIATES

**\* Roberto Rodrigues**

Quando presidente da Aliança Cooperativa Internacional, fiz um amplo movimento global para que todas as cooperativas tivessem pelo menos uma mulher em seu Conselho de Administração, mas havia muita resistência: poucas cooperativas tinham comitês femininos e o argumento era sempre o mesmo "elas não estão preparadas para isso, nem seriam eleitas"... E, como não participavam, não se preparariam jamais.

Com essa idéia, certa vez fui a Benin, país africano pouco abaixo da curva da África atlântica, onde deveria estar encaixado nosso nordeste antes da divisão dos continentes. Benin foi um dos países que mais escravos mandou ao Brasil. Tanto assim é que o porto de onde eles eram embarcados nos navios negreiros se chama Porto Novo, assim mesmo, em português, embora a colonização tenha sido francesa, razão da capital se chamar Cotonou.

Depois da abolição da escravidão, milhares de escravos libertos foram devolvidos a Benin, e levaram o sobrenome das famílias as quais serviram aqui. Encontrei muitos Silva, Rodrigues, Almeida, Moraes e outros nomes comuns entre nós.

Pois fiquei sabendo que numa cidade do interior chamada Abomey, distante da capital, havia uma grande cooperativa só de mulheres artesãs, chamada "As Amazonas", e quis conhecê-la. E fui, com forte comitiva de gente do governo e líderes africanos de outros países. Algum dia contarei a aventura inteira desta viagem, mas desta vez ficarei no seguinte fato: depois de festividades sem fim, com bastante dança e cantoria na praça de chão batido, fui conhecer o precário museu da cidadezinha. E lá encontrei uma senhora viúva, altíssima, responsável pela guarda do local, com dois filhos na faixa de 18 anos mais ou menos, que tinham o sobrenome Rodrigues. Logo fizemos amizade e os três só me chamavam de "cousin", que quer dizer primo em francês. Assim que acabou a visita, o mais velho me pediu 500 dólares para fazer um curso de corte e costura na capital. Era muito dinheiro, mas meu vice-presidente africano, um amigo senegalês, me assoprou que aquilo era muito importante e, afinal, como eles me consideravam o primo rico, precisava muito mesmo dar o dinheiro. Foi o que fiz.

Por uns 3 anos o menino me mandou cartas manuscritas contando seu progresso na escola, mas depois de algum tempo parou de escrever.

Pois bem, no ano passado, o canal de TV Globo News fez uma série de reportagens sobre diferentes países africanos. Certo domingo estava em casa assistindo ao futebol quando uma amiga me ligou gritando para ligar naquele canal. E lá estava o menino, agora homem feito, mostrando sua alfaaiataria em Cotonou, onde fazia sucesso. E declarou ao repórter que tinha conseguido o diploma porque seu primo brasileiro, um certo Roberto Rodrigues, havia financiado o curso.

Cooperativismo também tem estas coisas...

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente da Academia Nacional de Agricultura (SNA)**